

AURORA

Veronica Stigger

Fazia tanto tempo que não falava com alguém (nem mesmo com sua imagem refletida na tela escura do computador desligado diante de si) que não conseguiu articular um som sequer quando ouviu um estrondo em seu apartamento. Sobressaltada com a suspensão repentina do silêncio que há muito prevalecia sobre as ruas antigamente tão movimentadas do centro da cidade, abriu a boca como se fosse emitir um longo dó de peito, mas nada saiu de seu interior escuro e, agora, fétido. Tentou levantar-se da cadeira, mas suas pernas fraquejaram. Erguera-se tão pouco nos últimos tempos que parecia ter desaprendido a andar. Apoiou-se com as duas mãos na escrivaninha à sua frente e fez força para se manter de pé. Outro estrondo assustou-a novamente, fazendo com que se desequilibrasse e caísse no chão, batendo com a parte de trás da cabeça na quina do assento da cadeira de madeira. Com o rosto franzido de dor, levou a mão esquerda até o machucado e verificou que não sangrava muito. Sentada no chão, olhou para frente e teve a impressão de que sua cama estava mais perto da mesa em que se apoiara. Seu apartamento tinha apenas uma peça, além da cozinha e do banheiro, e parecia ter encolhido. Poderia se tratar apenas de uma impressão, já que sua cabeça latejava muito, deixando-a um tanto zozna e desnorteada. Mal conseguia abrir completamente os olhos. Firmou-se com os braços no assento da cadeira e, num impulso, conseguiu voltar a se sentar. Porém, mais um estrondo fez com que seu corpo todo estremecesse. Dessa vez, podia jurar que a parede do fundo, onde ficava sua cama, de fato, havia se movimentado em sua direção. O quarto estrondo foi o mais violento. Parecia que o prédio iria ruir. Agora ela tinha certeza de que a parede do fundo do apartamento havia se deslocado um pouco mais em sua direção. O medo deu-lhe força para finalmente se levantar da cadeira, mas não o suficiente para fazê-la correr até a porta. Seus passos eram como os de um bebê cambaleante que apenas está descobrindo sua capacidade de pôr-se de pé ou como os de uma senhora centenária que sente o peso dos anos a pressionar os ossos. Não queria sair para a rua. Como todos, a vinha evitando nos últimos tempos e, mesmo agora que o acesso a ela estava plenamente liberado, não se sentia preparada para enfrentá-la. Temia ter de topiar com os cadáveres. Talvez fosse a única, em todo o país, que ainda permanecia em casa. Até mesmo à janela havia deixado de ir, desde que os cantos de guerra subitamente cessaram e restou apenas o silêncio — um silêncio que curiosamente se acentuou depois da libertação. Agora, sentindo a proximidade da parede às suas costas, não via outra maneira de escapar que não pela porta de saída do apartamento. Os estrondos cederam lugar a um som contínuo, como o de uma avalanche, que marcava o deslocamento cada vez mais rápido da parede do fundo. Ela tentava se apressar, mas suas pernas não respondiam à sua vontade. A cama lhe tocou os joelhos por trás e a derrubou no chão. A parede havia vencido e, agora, a empurrava com fúria em direção à porta, que caíra para trás, no corredor, com o desmoronamento das paredes laterais. Seu apartamento a compelia para a rua — e isso a apavorava. Tentou resistir, mas foi em vão. O apartamento continuava a avançar sobre ela que, sem conseguir se levantar, era arrastada pelo chão do corredor até a beira da escada, de onde rolou feito uma bola. Sua cabeça, já tão doída, quicava nos degraus. O interior do prédio estava tão escuro que ela sentia como se girasse no vácuo, feito uma astronauta que se vê subitamente desconectada da nave-mãe, perdida no espaço. Quando deu por si, estava sentada, nua, na calçada em frente ao prédio. Encolheu as pernas em direção ao peito e, quando baixou a cabeça latejante para chorar sobre os joelhos, percebeu que o piso não era mais de pedrinhas portuguesas; era de terra escura, coberta de folhas e galhos soltos. Olhou para os lados e viu que estava entre montanhas: uma cordilheira que se estendia à sua volta, a perder de vista. Os primeiros raios de sol do dia entravam pelas frestas. Como não havia percebido antes que morava numa caverna?, pensou. Lembrou-se então dos três ou quatro

urubus que, durante todo aquele período de reclusão, via sempre pela janela e do voo livre que eles executavam nos dias ensolarados, como seria também aquele. Um deles, o mais destemido, volta e meia se desgarrava do bando e subia tão alto que parecia ir além das nuvens — ir além do próprio céu, rumo ao infinito.